



Mídias e identidades culturais nordestinas: transições entre estigmas e concretudes ¹

Janete de Páscoa Rodrigues²
Universidade federal do Piauí
Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado do Piauí/CNPq

RESUMO: Este artigo visa refletir sobre as identidades culturais da região Nordeste do Brasil sob um enfoque midiático. Nossas discussões transitarão desde algumas perspectivas históricas sobre o Nordeste até os desdobramentos que as identidades nordestinas assumem no cenário midiático contemporâneo. O *corpus* de análise é composto pelas edições da revista Istoé, publicadas no mês de março de 2005. Investigamos os discursos midiáticos que tematizam o ex-presidente da Câmara dos Deputados Federais, Severino Cavalcanti, e os escândalos envolvendo sua gestão à frente daquela casa. Questões como o coronelismo, o messianismo e a corrupção são verificadas nas construções imagética-discursivas dos textos de Istoé de maneira estigmatizante e generalizante sobre as identidades dos gestores públicos nordestinos contemporâneos.

Palavras-chave: Mídias; Identidades culturais; Nordeste.

1 Tópicos introdutórios

As identidades regionais, a exemplo das identidades nacionais, também são construídas a partir de uma noção imaginária das coletividades. Isto é, uma idéia que converge para o sentido das “comunidades imaginadas” sugeridas por Benedict Anderson as quais podem estar pautadas ou não em elementos concretos da história e da cultura de determinado grupo cultural.

As identidades, tanto nacionais como regionais, podem ser consideradas como meras construções mentais; são conceitos sintéticos e abstratos que procuram contemplar uma generalização intelectual, de uma enorme variedade de experiências afetivas. Enunciar e visibilizar a nação ou a região não implica necessariamente em mostrar realidades, mas também imaginá-las. São espaços que se institucionalizam, que ganham foro de verdade. Essas cristalizações de pretensas realidades objetivas fazem falta aos indivíduos, porque eles aprendem a viver por imagens e para elas. Os territórios existenciais são imagéticos. Eles são reproduzidos por meio da educação, dos contatos sociais, ou seja, da cultura que faz se pensar o real como totalizações abstratas.

¹ Trabalho apresentado ao Intercom Nordeste, da Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, no XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Professora da UFPI, graduada em educação física (UFPI), mestre em ciência da informação (UFMG) e doutora em ciência da comunicação - processos midiáticos (UNISINOS). Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa e Comunicação da UFPI. Pesquisadora FAPEPI/CNPq.



Na relação com a diferença, o processo de construção de identidades regionais ocorre, segundo Nilda Jacks (1998), no antagonismo entre as diferenças reais ou imaginadas. Tais oposições podem ser verificadas entre as regiões de um mesmo país e destas com relação à própria nação. Embora apresentando diversas facetas e manifestando características muito diferentes entre os grupos pares, a identidade regional passa a assumir uma unidade com características que, às vezes, camuflam clivagens internas às questões da nação a qual pertence.

Nesse aspecto, sabemos que a primeira fase do regionalismo brasileiro se inscreveu na formação dos discursos naturalistas que considerava as diferenças entre os espaços do país como um reflexo imediato da natureza, do meio, das raças e das etnias. As grandes distâncias, a precariedade dos meios de transportes, a incipiência dos meios de comunicação, o baixo índice de migração interna entre as regiões do Brasil fizeram desses espaços verdadeiros mundos separados e diferentes que se olhavam com estranheza e distanciamento.

A partir de da década de 1920, com o advento da industrialização e da urbanização, o Sudeste assume uma posição destacada frente ao restante do país. Na contra mão disso, o Nordeste vivia momentos de crises com as mudanças substanciais decorrentes do agravamento de sua situação de dependência econômica e submissão política em relação ao Sudeste, principalmente, devido à decadência no mercado da cana-de-açúcar.

Assim, tais desdobramentos no campo político, sociocultural e econômico na região Nordeste se estendem até os dias atuais de maneira, talvez, reconfigurada pelas novas realidades internas e externas, mas que carregam traços de uma identidade pautada numa idéia de *défect*, herança de construções históricas que os próprios nordestinos e, às vezes, seus outros se negam superar.

Portanto, o objetivo deste artigo é refletir a partir dessa perspectiva, o surgimento dos novos discursos que vão afirmando uma sensibilidade capaz de produzir um conjunto de saberes que marca até hoje as identidades culturais do Nordeste, fazendo com que o processo de busca pela configuração e reconfiguração identitária nordestina se constitua no confronto de vários processos de aculturação de caráter global através das relações sociais e econômicas promovidas pelos fluxos midiáticos das culturas globais e de suas relações com o local. Essas identidades regionais possibilitam atualmente se tecer uma memória, reinventar tradições e localizar uma origem que liga



os indivíduos de hoje a um passado. Portanto, o “Nordeste tradicional” será pensado nesta discussão como um produto da contemporaneidade midiaticizada.

Para isso, foram feitas algumas análises a partir das edições da revista Istoé as quais contêm notícias sobre os escândalos envolvendo o Presidente da Câmara dos Deputados Federais, Severino Cavalcanti, durante o mês de março de 2005. Assim, temáticas como a resistência à aprovação da lei de biossegurança, pleito de aumentos abusivos de salários dos deputados federais e corrupção, foram as principais notícias veiculadas pelas mídias nacionais durante esse período da gestão de Severino Cavalcanti.

2 O Brasil central *versus* o Brasil do Nordeste

Desde a década de 1920, os jornais buscaram notícias sobre as regiões Norte e Nordeste do Brasil, de forma acentuar cada vez mais as idéias sobre os costumes “bizarros” e “simpáticos” do povo nordestino na imprensa do Rio de Janeiro e de São Paulo. Diante desses relatos, também era visível a adoção do espaço de fala dessas produções jornalísticas como ponto de referência e de centralidade do país. Tomavam seus “costumes” como os costumes legítimos da nação e os costumes das outras áreas como periféricos e exóticos. Assim, os Estados do Sudeste, através dos meios de comunicação, se colocaram desde aquela época como centro distribuidor de sentidos em nível nacional.

Elementos de estranhamento sobre o Nordeste nos discursos das mídias nacionais como a seca, o cangaço, o messianismo o coronelismo, a corrupção e outros usados para definir o Nordeste desde o início do século XX, fez-se em meio a uma multiplicidade de outros fatos e elementos que, no entanto, não são iluminados como matérias capazes de dar uma cara à região. Para Durval de Albuquerque Junior (1999), essa escolha não é aleatória, ela é dirigida pelos interesses em jogo, tanto no interior do Nordeste como na sua relação com as outras regiões. As narrativas midiáticas sobre o cangaço, as repressões a movimentos messiânicos, as secas ou as lutas fratricidas eram circunstâncias em que o Nordeste adquiria espaço na imprensa nacional. Isto é, na imprensa do Sudeste e ao mesmo tempo marca a diferença em relação a esta região “civilizada”.

O Brasil seria, nesse contexto, um país cindido entre inteligência do Sudeste e do Sul, industrializados e modernos em seus conceitos de realidade; e, do outro lado o



Norte e o Nordeste, fantasiosos, imaginosos e sensitivos, delirante e compadecido. Razão e sentimento, dilema em que se instauravam as duas principais identidades nacionais, representadas pela divisão entre dois grandes pólos regionais antagônicos.

O Sudeste, principalmente São Paulo, passou a ser visto como a cultura da modernidade urbana e industrial, onde sua cultura “tradicional” e rural é esquecida. Enquanto no Nordeste, verifica-se o contrário disso. Quase sempre visibilizado e enunciado como uma cultura rural e medieval, suas cidades, mesmo sendo de longa data, algumas das maiores do país, são totalmente negligenciadas nas produções artísticas, científicas e midiáticas. As cidades nordestinas, quando tematizadas, parecem ter sido congeladas ainda no Brasil colônia. Elas são enfocadas como cidades folclóricas, alegres e exóticas.

Um outro aspecto da história identitária cultural do Nordeste diz respeito ao fato da região, desde as primeiras décadas do século XX, ter assumido, no panorama cultural do país, uma identidade ancorada na idéia de saudade e de tradição. Uma produção política e cultural que visava à compensação pelas perdas de espaços econômicos e políticos por parte dos produtores tradicionais de açúcar e algodão da região.

Uma série de práticas e discursos midiáticos fizeram emergir e se institucionalizar a idéia de Nordeste que ainda hoje é concebida por alguns, inclusive pelos segmentos populares do Nordeste e fora dele. Essa concepção identitária se constituiu, na opinião de Durval de Albuquerque Junior (1999), na mais bem elaborada construção identitária regional do país. Ela serviu de trincheira para reivindicações, conquistas de benefícios econômicos e cargos no aparelho do Estado, desproporcionais à importância econômica e à força política que a região possuía naquele momento.

Isso justifica em parte o fato de ainda hoje as pretensas “tradições nordestinas” estarem construídas sobre fragmentos do passado rural e “pré-capitalista”; são buscadas em padrões de sociabilidade e sensibilidade patriarcais, quando não escravistas. Uma verdadeira idealização do popular, da experiência folclórica, da produção artesanal, tidas sempre como mais próximas da verdade da terra nordestina.

As “temáticas regionais” visibilizadoras e enunciativas sobre o Nordeste por meio da arte, da literatura, da música e demais elementos apoiados pelas mídias, desde a decadência da sociedade açucareira da região, foram, quase sempre, o beatismo, o cangaço, o coronelismo e a seca acompanhada com a epopéia da migração. Estratégia de trazer à tona suas misérias e tudo aquilo que poderia ir em direção contrária aos



novos rumos assumidos pela moderna sociedade brasileira, representada especialmente pelo seu “outro” principal, o Sudeste.

3 As mídias e o nordeste “reacionário” da pós-modernidade

Tais elementos identitários de reação à modernidade, ainda hoje sugeridos nas mensagens mídiáticas quando se propõem a noticiar os seres nordestinos, podem ser exemplificados através da figura do ex-presidente da Câmara dos Deputados, o pernambucano Severino Cavalcanti, o qual foi visibilizado e enunciado pelos meios de comunicação do País pelos seus atos políticos voltados para interesses pessoais, práticas de nepotismo, além de posicionamentos conservadores ancorados sobre antigos dogmas e atitudes característicos da “velha” aristocracia coronelista do Nordeste e de seus posicionamentos messiânicos.

A versão dos auxiliares de Lula é de que o presidente da Câmara, Severino Cavalcanti, pediu desculpas ao presidente da República por ter dito que ele teria que nomear Ciro Nogueira para ministro das comunicações. Mas Lula, nos bastidores, conta outra história: ‘Ele manteve tudo. Me desacatou no palácio’.³

A matéria publicada pela revista, “Istoé”, de 30 de março do 2005, refere-se à polêmica exigência do Presidente da Câmara dos Deputados, Severino Cavalcanti, ao Presidente Lula para nomear o Deputado Federal do Piauí, Ciro Nogueira, companheiro de partido e vice-presidente da Câmara dos Deputados, para o cargo de Ministro das Comunicações. Na mesma edição, a revista publica uma outra reportagem, a qual denuncia atos políticos do neocoronel Severino ao tempo que mostra a reação da sociedade civil brasileira contra o projeto de reajuste salarial de 67% para os deputados, que estava sob o comando de Presidente da Câmara, Severino Cavalcanti. Frente a isso, o projeto ruiu devido à péssima repercussão que teve junto à opinião pública nacional e que levou o Presidente do Senado, Renan Calheiros (PMDB-AL) também nordestino, a não concordar com as manobras para o reajuste de seus próprios salários por temer perda de prestígio público, conforme assertiva textual de Severino Cavalcanti: “‘Eu não vou ficar de bandido sozinho. Agora, se quiserem aumento, vão ter de pedir’”. Desabafou o sertanejo Severino, sepultando a proposta de aumento salarial”.⁴

³ Istoé. Severino me desacatou nº 1850, 30 de março de 2005.

⁴ Isto é. A força da sociedade, nº 1847, 9 de março de 2005.



Essas construções discursivas sobre o coronelismo no Nordeste se pauta nas imagens dos senhores de terras a partir do declínio do sistema patriarcal rural da região. Conforme lembra Albuquerque Júnior (1999), a dependência desses indivíduos das benesses do Estado, para manter seus privilégios e reproduzir os vínculos de dependência e solidariedade com as camadas populares, assumiu o papel no contexto identitário cultural do Nordeste como símbolo da acomodação do poder privado com o fortalecimento progressivo do poder público. Com isso surgiram e se fortaleceram as oligarquias no Nordeste. O coronelismo seria então, produto da necessidade de compromisso e cumplicidade com os setores urbanos emergentes e com novos grupos econômicos rurais. Além do mais, constituiu-se como sujeito manipulador num cenário político formado por um vasto eleitorado após a proclamação da República.

Embora mecanismos políticos tradicionais e de pressões existam e se perpetuem em todas as áreas do País, a figura do coronel ainda hoje é vista como marca política, social e cultural da região Nordeste, além de se tornar um ícone das oligarquias na região. Os coronéis nordestinos conseguiram acionar a maquinaria imagética-discursiva destinada a evitar a marginalização econômica e a submissão política total desses grupos rurais e tradicionais que se articularam de maneira bem-sucedida no espaço nacional. O Nordeste tornou-se, portanto, num perfeito instrumento de conservação dos mecanismos tradicionais de poder e dominação, colaborando para o impedimento de qualquer projeto modernizador da região.

Um outro aspecto, acerca da figura de Severino Cavalcanti, que foi explorado pelas mídias nacionais, hoje, diz respeito ao caráter antievolucionista do político nordestino. Isso pôde ser comprovado no período de votação da Lei de Biossegurança que foi aprovada no dia 2 de março de 2005 e que permite o uso de células-tronco retiradas de embriões humanos para o desenvolvimento de pesquisas na cura de diversas doenças degenerativas do organismo. Nessa questão Severino se posicionou contrário à aprovação dessa lei até os últimos momentos, quando finalmente resolveu abster-se da votação, mantendo-se neutro frente à decisão dos Deputados de aprovarem a lei de Biossegurança. Mediante o episódio, Severino foi amplamente visibilizado e enunciado pelos meios de comunicação como um líder político de extremo conservadorismo e inerte aos processos de modernização científica e tecnológica por que passa o Brasil e o



mundo ao deixar claro suas concepções messiânicas ancoradas em antigos dogmas religiosos.

O feliz desfecho da votação teve em Severino Cavalcanti, o recém-eleito presidente da Câmara, um personagem importante... Ele era temido por sua postura conservadora, inclusive com posição declarada contrária ao uso das células-tronco embrionárias... Como em uma demonstração prática da teoria darwiniana, quando perguntado se era contra a aprovação da Lei de Biossegurança, Severino respondeu: ‘Isso eu vou analisar, porque eu também, às vezes evoluo’.⁵

Vê-se que fenômenos como o coronelismo praticado pelos setores hegemônicos do Nordeste, os quais se entrecruzam em meio às relações de poder dos setores políticos nacionais, são visibilizados ainda hoje pelas mídias como características cristalizadas e como elementos da identidade cultural dos nordestinos desde o período colonial. Ao que indica, o patriciado rural nordestino nunca conseguiu superar o golpe desferido pela revolução contra suas antigas oligarquias.

Não obstante, os grandes avanços ocorridos nas primeiras décadas do século XX junto aos meios de transportes e aos meios de comunicação fizeram com que áreas tanto intra-regionais como nacionais fossem interligadas, especialmente, através do rádio que se constituiu como o meio de comunicação de massa mais importante daquela época e, portanto, capaz de concretizar o projeto de integração nacional, mediante suprimento de tempo e espaço que antes existiam entre as regiões. Apesar de os meios de comunicação nacional produzirem uma imagem acerca das identidades culturais nordestinas, pautada numa idéia de homogeneidade cultural, por desconsiderarem suas diversidades internas, através do rádio, o Estado instigava a sociedade a debater e a pensar as questões nacionais, além de falar sobre a diversidade cultural que possuía o país ao fornecer notícias sobre as diferenças regionais brasileiras.

No contexto da contemporaneidade, os meios de comunicação e informação parecem apresentar novos dispositivos de enunciação midiática para falar sobre o Nordeste pautando-se tanto em temas seculares como em alguns novos. Sem dúvida, a *seca* como temática exaustivamente explorada pelos diversos segmentos da sociedade envolvidos no processo de construção identitária nordestina a partir do início do século XX, foi fator decisivo para se pensar o Nordeste sob um recorte “natural”, climático, um

⁵ Isto é. De Copérnico a Severino, nº 1847, 9 de março de 2005.



meio homogêneo que, portanto, teria originado uma sociedade e uma cultura também homogênea que é concebida por muitos até hoje.

O Nordeste pode ser vislumbrado, nessa perspectiva, como uma construção histórica permeada por diferentes temporalidades e espacialidades, cujos mais variados elementos culturais – eruditos e populares –, foram adotados como categorias identitárias do tipo memória, caráter, espírito, essência etc. O Nordeste é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste. Estereótipos que são operativos, positivos, que instituem uma verdade que se impõem de maneira a obliterar a multiplicidade das imagens e falas regionais, em nome de um conjunto de elementos imagéticos selecionados e que são reproduzidos pelas mídias, pela escola, pela família, pelos habitantes de outras áreas do Brasil e pelos próprios nordestinos.

Assim, concepções pejorativas a respeito do Nordeste e dos nordestinos nasceram de uma dada visibilidade e enunciabilidade sobre a região que não foi produzida apenas fora dessa região, mas por seus próprios discursos e reproduzida por seu próprio povo. Essa identidade de Nordeste nada mais é do que a regularidade de certos temas, imagens, falas, que se repetem em diferentes discursos. Não existe um modo de ser nordestino ou um modelo nacional de ser. Isto porque o que identificaria o Brasil ou o Nordeste seria a coexistência de diferentes modos de ser, de diferentes estilos de vida, a enorme fissura entre as classes, as diferenças culturais acentuadas dentro até mesmo das mesmas classes; seriam sociedades que se identificariam pela variedade das formas de fazer e de viver as mesmas coisas.

Importante lembrar que quando intelectuais e artistas nordestinos tentaram inverter a imagem “oficial” e midiaticizada do Nordeste, o fizeram também do ponto de vista dos dominados, provocando um deslocamento nas imagens e enunciados tradicionais ligados à região, mas se mantiveram presos a estas temáticas (seca, messianismo, folclore, coronelismo, sexo) de forma que também os reproduziram, porque nunca questionaram a existência da própria região pelo que ela realmente é em suas diferentes nuances.

As idéias, as imagens, os enunciados associados ao Nordeste inventado podem ser considerados como componentes de uma “incapacidade modernizadora”. O regionalismo nordestino se constituiu como um dos principais momentos de recusa da evolução no país, no qual o avanço do capitalismo, da sociedade do consumo e da moda, é impedido pela convivência com interesses corporativistas e com o imobilismo



dos interesses particularistas. As mudanças nas relações sociais são bloqueadas pelas defesas de vantagens no âmbito das particularidades. Assim, o nordestinismo aniquila as identidades coletivas e de classes, avançando até hoje em direção à perpetuação de interesses de alguns segmentos hegemônicos que sempre assumiram uma posição abstrata e autoritária sobre o Nordeste e sobre seu povo por adotarem concepções de categorias identitárias redutoras diante da complexidade do que é e do que sempre foi o Nordeste e os nordestinos.

Mediante o surgimento dos processos uniformizadores das culturas no âmbito mundial, as produções culturais nordestinas passaram, com a colaboração das mídias, a ser absorvidas pelo mercado de bens simbólicos culturais pelo seu caráter exótico e de diferenciação. No entanto, é importante refletirmos sobre as implicações que isso representa para os nordestinos contemporâneos, num momento de profundas transformações nas estruturas sociais e frente às disputas de poder e buscas por construções identitárias ancoradas sobre ideais de modernidade.

Zaidan Filho (2001) reitera que o Nordeste, como espaço geopolítico, é hoje uma justaposição de economias regionais que competem ferozmente entre si, em troca de receitas fiscais, vantagens locacionais, mão-de-obra barata, crédito subsidiado etc.

Isso ocorre em meio ao declínio do Estado-brasileiro – subordinado aos interesses e especulação do mercado financeiro internacional, e na fragilidade das políticas de combate às desigualdades regionais. As políticas públicas do governo federal de combate a pobreza, com efeito, “tampão” como alguns programas “assistencialistas” do tipo: “bolsa escola”, “fome zero”, “vale gás” e outros que servem mais para reproduzir as desigualdades do que eliminá-las, resultam na desintegração econômica e social do Nordeste e de outras áreas pobres do País.

Às diversidades existentes no contexto interno do próprio Nordeste e a grande quantidade de estados que constituem essa região determinam suas diferenças sociais, culturais, históricas e geografias que contribuem na construção de suas identidades culturais múltiplas. Portanto, concepções voltadas para um entendimento de unicidade social, cultural, política e econômica sobre o Nordeste, pode estar associada a um desconhecimento por parte de seus externos e também de seus internos para com as diversidades e complexidades que envolvem as questões dessa região. Olhares sob a perspectiva de suas pluralidades são necessários para se visualizar os vários espaços e temporalidades nordestinas.



Frente à infinidade de elementos que marcam de maneira significativa as diferenças identitárias entre os Estados do Nordeste, não justifica que cearenses, maranhenses, piauienses, alagoanos, pernambucanos e outros sejam visibilizados mediante falas, símbolos e imagens que os situam em um único espaço e que lhes sejam atribuídos os mesmos elementos identitários.

Nessa perspectiva, Zaidan Filho (2001) menciona o Nordeste da fruticultura, da indústria extrativista mineradora, dos pólos tecnológicos metropolitanos, do turismo, da indústria de lazer e de alimentação e outros como enclaves dinâmicos da economia regional atrelada ao mercado global, elementos significativos do caráter plural dos diversos Nordeste contemporâneos.

Isso demonstra, ainda, o caráter heterogêneo e ambíguo das identidades culturais nordestinas que, de fato, apresenta paradoxos em seus contextos socioculturais e em sua economia de capital concreto e simbólico, mas que requer, antes de tudo, questionamentos sobre suas múltiplas realidades culturais, sociais, econômicas e políticas, as quais podem constituir-se num amplo conjunto de possibilidades de integração da região no contexto tanto nacional como planetária em condições de plena equivalência.

Ao analisarmos o poema “O vaqueiro do Piauí”, do repentista Hermínio Castelo Branco, publicado em 1881, verificamos que o poeta reclama já em seu tempo, a necessidade de diferenciação de seu espaço e de seu modo de viver nordestino piauiense. Demonstra uma percepção identitária do próprio piauiense a respeito de si mesmo de forma entrecruzada com a compreensão da vida e da cultura sertaneja nordestina de maneira generalizada e singular.

Eu sou rude sertanejo; Só falo a língua das selvas, onde impera a natureza. Não sei fazer epopéias, não entendo de poemas, nem chorominguo pobreza. Não canto glórias da pátria, nem os feitos dos heróis, nem os perdidos dos amores. Nem sei se o mundo se alonga além das raias que vejo, estas campinas de flores. Porém, quero em tosca frase, com singela liberdade, sem florir nem mentira, entoar selvagem canto, inspirado na viola, em vez de dourada lira. E quem não for sertanejo, e queira compreender a beleza de expressão, consulte dicionários da língua chã verdadeira, do homem cá do sertão. Já disse que de poemas não entendo. Que lembrança! Nunca passou-me no caco. Amores sem esperança... Mas em versos mal rimados, sem adência, estropiados, dos sertões onde nasci, na viola temperada cantei a glória passada dos campos do Piauí.



Os versos do repentista revelam um caráter “positivo” sobre sua autoconcepção de piauiensidade sertaneja, se declara homem “forte”, “verdadeiro”, “violeiro”. Descreve de maneira apologética seu lugar, o qual o fez “poeta rude”, localizado numa cultura indiferente a existência de outros lugares – dos diferentes, e de outros modos de ser, quando diz não conhecer o “alongamento do mundo além das raias em que vive”. Diante disso, ele se declara alheio a outros olhares capazes de identificá-lo que não seja o seu, o qual proporciona um vê-se com orgulho e contentamento.

No contexto contemporâneo de realidades construídas pela indústria cultural da mídia, o sertão dos versos do poeta, em parte, ainda existe. Os sentidos produzidos até hoje sobre os elementos constituidores do imaginário cultural nordestino pouco mudaram. Porém, soubesse o poeta que mais de um século depois, em um tempo de globalização cultural dinamizada pelos meios midiáticos, sua encasulada identidade sertaneja se alargaria ao “mundo para além das raias que via”, também entenderia porque seu “canto selvagem”, tocado em viola sertaneja, seria hoje traduzido para modernas guitarras eletrônicas.

4 Considerações finais

Os diversos Nordeste rurais e urbanos de hoje se encontram integrados aos contextos nacional e mundial por modernos sistemas de comunicação e informação capazes de estabelecer padrões locais, nacionais e globais de comportamentos, valores culturais e regras sociais que intervêm nos processos de transformações identitárias culturais das sociedades nordestinas atuais mediante enfrentamentos e jogos de negociações nas construções dessas identidades. Porém, nos questionamentos sobre as cristalizações observadas acerca desses estereótipos identitários no contexto atual acerca do Nordeste e dos nordestinos, é importante considerarmos que vivemos um momento marcado pelas dinâmicas e fragmentações das identitárias culturais locais, nacionais e globais onde se fundem aquilo que é da ordem do local e do global.

Não obstante, não devemos esquecer que as novas realidades socioculturais se processam não apenas sob os comandos das mídias hoje, mas em presença de inúmeras interações entre os diversos campos participantes nos processos constitutivos de identidades contemporâneas e que as mídias se apresentam apenas como uma instância que intera tais processos.



Com isso, as mídias contemporâneas nacionais ao visibilizarem o Nordeste como um lugar uno e homogêneo tanto em relação aos seus Estados constituintes, como em relação aos elementos de suas identidades do passado e do presente, estariam deixando de lado alguns Nordestes que contrariam aos interesses das classes dominantes da Região e de alguns externos, ao manter esses Nordestes modernos no ostracismo midiático.

Portanto, este artigo mostra que embora convivendo com outras forças no processo de construção de identidades, velhos estigmas de nordestinidade como, o coronelismo, o messianismo, a seca e outros ainda marcam de forma significativa os processos de construção de identidades nordestinas tanto na perspectiva das visibilidades midiáticas como de outros campos da sociedade brasileira, concebendo seus “eixos” e matrizes culturais como imunes às dinâmicas culturais promovidas pelo fluxos informacionais e pelas diversas formas de deslocamentos de seus sujeitos sociais.

Sabe-se que a mídia, enquanto instância que dialoga com os demais campos da sociedade, tanto penetra nos diversos segmentos desta, como também inclui elementos extraídos dos diferentes campos sociais para se constituir. Isso implica dizer que a mídia absorve elementos do meio social ao mesmo tempo em que ela influencia e oferece a essa mesma sociedade os seus próprios elementos constituidores. Portanto, a partir da mídia, é possível o Nordeste também desenvolver ações deliberadas para a superação de estereótipos identitários arcaicos.

Notadamente, “até mesmo” os sertões nordestinos passam por transformações a seu modo e ao seu tempo. As mudanças desencadeadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação, bem como a modernização industrial e os meios de transportes vêm transformando a vida cotidiana das pessoas em todas as partes do planeta. Isso não implica dizer que as desigualdades estejam diminuindo, pois, como se sabe, levantamentos estatísticos oficiais revelam que os IDHs (Índices de Desenvolvimento Humanos) apontam para o aumento das desigualdades no Brasil contemporâneo. Contudo isso não quer dizer que seus pobres se mantêm absolutamente inerte no transcorrer do tempo e, assim, apresenta as mesmas características identificadoras dos séculos passados. Embora estejam mais distantes dos mais ricos, os mais pobres também passam por processos de transformações na atualidade que os coloca em situações de comportamentos diferentes daqueles associados ao modo de vida das populações sertanejas nordestinas baseadas em realidades seculares.



É fato que a pobreza faz parte de sua realidade, contudo, na mesma conjuntura social que está presente nas grandes cidades de outras regiões brasileiras. A pobreza icônica da identidade nordestina não se encaixaria hoje, portanto, nos moldes adotados pela maioria das mídias em suas relações com o poder hegemônico, o qual luta para manter privilégios ancorados, entre outros, em princípios coronelistas que se utilizam de velhas imagens de flagelos e misérias provocados principalmente pelas secas recorrentes em algumas áreas da Região.

Portanto a realidade identitária de nordestinidade não alcançaria hoje dimensões que transcendem uma visão identitária pautadas apenas na miséria em que vivem algumas de suas populações, na corrupção de alguns de seus gestores e outros estereótipos cristalizados no imaginário nacional? Importante ressaltar que tais estigmas são também ancoradouros de construções identitárias de vários externos aos brasileiros como sendo uma marca de brasilidade. Assim como a situação vivida pelo Brasil frente aos seus externos que transita entre estigmas e concretudes, Nordeste é constituído por múltiplas realidades sociais, culturais e econômicas que confirmam suas múltiplas identidades culturais.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE JUNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Cortez, São Paulo/SP, 1999.

ANDERSON, B. **Nação e consciência Nacional**. Ática. São Paulo, 1989.

CASTELO BRANCO, H. **O vaqueiro do Piauí**. Revista da Academia Piauiense de Letras. N° 55, Ano LXXX. Teresina. 1997.

JACKS, N. **Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

OLIVEN, R. G. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Editora Vozes. Petrópolis-RJ, 1992.

PESAVENTO, S J. **A cor da alma: ambivalência e ambigüidades da identidade nacional**. Véspera dos 500 anos. Porto Alegre. Ensaio FEE, v.20, n.39, 1999. p. 124-133.

SANTOS, M. **O Brasil: territórios e sociedade no início do século XXI**. Record. Record. Rio de Janeiro. 2001.

ZAIDAN FILHO, M. **O fim do Nordeste e outros mitos**. Coleção Questões de Nossa Época. São Paulo-SP. Cortez, 2001.



RODRIGUES, Janete de P. Mídias e identidades culturais do Piauí: um estudo da recepção midiática do Balé Folclórico de Teresina no Piauí. Tese de doutorado, PPGCOM - UNISINOS/São Leopoldo, 2006.